Anno de 1848. Sabbado 8 de Janeiro. Anno XXV. N. 5.

O *DIARIO* publica-se todos os dias que não forem de guarda : o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel, *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos á rasão de 20 rs. por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagarão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente, por cada publicação.

PHASES DA LUA NO MEZ DE JANEIRO.

Lua nova, a 6, ás 9 horas e 21 min. da manhãa.
Crescente a 13, ás 9 hora e 27 min. da manhãa.
Lua cheia a 20, ás 9 horas e 45 min. da manhãa.
Minguante a 28, ás 9 horas e 39 min. da manhãa.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Goianna e Parahiba ás segundas e sextas feiras.
Rio-Grande-do-Norte quintas feiras ao meio-dia
Cabo, Serinhãem, Rio-Formoso, Porto-Calvo e Maceió, no 1.°, a 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito, a 8 e 23.
Boa-Vista e Flores, a 13 e 28.
Victoria, ás quintas-feiras.
Olinda, todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira, as 6 horas e 6 minutos da manhãa.
Segunda, as 6 horas e 30 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

3 Segunda. S. Aprigio.
4 Terça. Tito.
5 Quarta. S. Semeão Estelita.
6 Quinta. ✠ Os Santos Reis Magos.
7 Sexta. S. Theodoro. Aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
8 Sabbado. S. Lourenço Just. Aud. do J. civ. da 1. v. e do J. de paz do 1. dist. de t.
9 Domingo. S. Julião.

CAMBIOS NO DIA 6 DE JANEIRO.

Sobre Londres a 27 d. por 1$ rs. a 60 dias.
» Paris 360 rs. por franco.
» Lisbôa 95 por 100 de premio.
Desc. de lettras de boas firmas 1 a 1 1/2 % ao m.

Ouro—	Onças hespanholas....	28$000	a	29$000
»	Moedas de 6$400 velh.	16$100	a	16$200
»	» de 6$400 nov..	16$000	a	16$100
»	» de 4$000	8$800	a	9$000
Prata —	Patacões........ ...	1$940	a	1$960
»	Pesos columnares...	1$920	a	1$940
»	Ditos mexicanos ...	1$760 a		1$800
»	Miuda..............	1$900	a	1$920

Acções da comp. do Beberibe de 50$000 rs. ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

INTERIOR.

RIO-GRANDE-DO-NORTE.

RESULTADO *da votação dos collegios das cidades do Assu' e Imperatriz, e das villas do Principe e Apudy, na eleição de um deputado á assembléa geral legislativa.*

COLLEGIO DO ASSU' (53 ELEITORES).

Os Senhores.	*Votos.*
João Carlos Wanderley	29
C. J. de M. Sarmento	14
Dr. Luiz Gonzaga de Brito	9
Commandante superier Antonio Alves Mariz	1

COLLEGIO DA IMPERATRIZ (23 ELEITORES).

Os Senhores.	*Votos.*
Dr. C. J. de M. Sarmento	10
João Carlos Wanderley	10
Dr. Luiz Gonzaga de Brito	3

COLLEGIO DO PRINCIPE (25 ELEITORES).

Os Senhores.	*Votos.*
Dr. C. J. de Moraes Sarmento	15
Dr. Luiz Gonzaga de Brito	9
Dr. Luiz Francisco da Silva	1

COLLEGIO DO APUDY (11 ELEITORES).

O Senhor.	*Votos.*
Dr. Luiz Gonzaga de Brito	11

Correspondencia.

Sr. Redactor do Diario de Pernambuco. -- O que hei de eu fazer nesta cadeia? Estudar as miserias d'ella. São tantas! Nove mezes lá se vão no dia 10 deste, que me aqui metteram, não por amor de justiça, mas porque quizeram vingar-se de mim aquelles a quem tenho profligado; e eu sinto que se acobertassem com o manto imperial, quando me deveram procurar no campo em que eu os agredia: mas tenho tanta confiança na bondade de Deos, que espero breve vê-los desmascarados á face do imperador do Brasil, a quem tanto e tanto teem esses loucos compromettido.

Nove mezes lá se vão indo, e eu testemunha dessas torpezas que se praticam contra a segurança individual dos cidadãos brasileiros, e da immoralidade que lavra nesta infeliz casa, onde se tem por garbo augmentar a afflicção ao afflicto; nove mezes lá se vão, e eu silencioso, e eu moralmente cumplice por amor de meu silencio: não mais.

Eu esperava estar hoje tranquillo em minha casa, no seio da minha familia; mas o espirito barbaro de facção não quiz: haviam golpes a dar, e não sei que terror panico se tem apossado da gente actualmente em acção, que teme ver-me na rua em contacto com o povo: assim, entrando o anno novo, minha consciencia se revoltou contra mim, chamou-me covarde, porque calava as immoralidades que testemunhava; e eu, Sr. Redactor, temo tanto o aguilhão de minha consciencia, ambiciono tanto a minha propria estima e a paz do meu espirito, que immediatamente tomei a penna, e escrevi os documentos que lhe remetto, para que se digne publica-los em seu interessante *Diario*.

A materia não diz respeito a interesses de partidos, trata-se da humanidade, e daquella porção miseravel e sempre abandonada, por amor de velhos preconceitos que só vêem no preso um reprobo.

Aguardo as providencias do Sr. Dr. chefe de policia, e depois dellas póde ser que inda volte á questão.

He inda o seu collega e amigo

Antonio Borges da Fonseca.

Cadeia, 4 de janeiro de 1848.

DOCUMENTOS.

Illm. Sr. Dr. chefe de policia. -- Nada mais admissivel do que o interesse de um preso por si mesmo, e por aquelles que com elle padecem; assim, magoado com os tormentos de que são victimas os presos nesta cadeia onde me acho, não por crimes, porém para satisfazer os rancores dos meus inimigos, que assim julgam satisfazer-se com um assassinato juridico, sem preverem o futuro, nem o acautelarem, tomo a liberdade de enviar á V. S. uma exposição do estado da cadeia, junto com um regulamento especial, que espero mereça a attenção de V. S., ao menos para ordenar a confecção de um que melhor pareça a V. S., unico juiz competente em tal materia.

Não tenho queixa particular de nenhum carcereiro; sei muito de meus direitos, para que elles ousassem faltar-me a consideração que me he devida; e a algumas impertinencias, como da não-entrada de periodicos na prisão, tenho sempre respondido: « Vá buscar ordem por escripto. »

No mais, como preso, estou á disposição de V. S. a quem Deos guarde.

Cadeia publica na cidade do Recife, 3 de janeiro de 1848.

Antonio Borges da Fonseca.

Illm. Sr. Dr. chefe de policia. -- Um preso he tambem um homem, tem direitos, deve reclama-los, e eu, igualmente preso, tenho obrigação de interessar-me pela sorte dos que commigo padecem nesta miseravel cadeia. Isto posto, ouça V. S. as nossas queixas e justas reclamações; que aqui somos nós os presos victimas de flagellos excusados.

Os homens da politica não são os homens da natureza, porque a politica em nossa terra está firmada na duplicidade, principio perversissimo do visionario e immoralissimo Machiavel; e d'ahi vem que este governo da policia em nossa terra vai colhendo por toda a parte venenosos fructos, que estão matando todos os principios de sociabilidade.

A constituição diz que a inviolabilidade dos direitos civis e politicos dos cidadãos brasileiros, que teem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade, he garantida: (artigo 179) e quanto ás prisões, no § 21 assim diz: « As cadeias serão se« guras, limpas e bem arejadas, -- havendo diversas « casas para a separação dos réos, conforme suas « circumstancias e natureza de seus crimes. »

V. S. uma ou outra vez tem vindo de passagem á esta cadeia; mas, por fôrça do cargo que occupa, sabe que ella não he segura, não he limpa, não he bem arejada, finalmente, que não está nas condições constitucionaes.

Nós, os presos nesta cadeia, não queremos carregar á facção, que ha quatro annos massacra o paiz, esta falta, nem inda á facção que desceu do podèr; mas a todas as que nos teem governado desde 1822, porque todas, neste systema duplice, só cuidam dos interesses do momento, e nunca do que diz respeito aos fóros da humanidade, aos direitos do homem. Esta sciencia nobre, e porventura a primeira, não póde entrar na comprehensão de um realista.

Esta nossa cadeia existe desde 1791, ha 116 annos, e tem peiorado com os concertos que se lhe ha querido fazer, e com os muitos arrombos que os presos teem feito para se evadirem, o assoalho em todos os andares está completamente podre: assim, pois, não tem mais segurança; e, facil, qualquer preso industrioso se póde della evadir.

Não tem limpeza; he immunda em todas as suas partes; as cloacas são malfeitas; os canos que lhes dão sahida estão sempre cheios de materias putridas; o ar, que se respira, he mefitico. Temos noticia que o concelho de salubridade deu um relatorio exacto e minucioso do estado desta cadeia.

Se diz que eu resido em um cubiculo decente, e por ahi tiro V. S. a conta. Este cubiculo em que vivo encerrado, he habitação dos ratos, das baratas e de quanta immundice ha; todo coberto de têas de aranha, cheio de lixo: para estar eu seguro, careci mandar pôr á porta uma fechadura. A sua originalidade he tamanha, que sinto não saber nem podê-lo desenhar tal qual se acha.

Só nelle achei uma fortuna, -- um armario immundo, mas contendo a Imagem do Crucificado. E certo não podia um christão achar melhor companheiro de prisão. Como Christo, padeço por amor da liberdade e da igualdade social, por amor dos homens. Como Christo, fui julgado em uma sinagoga, com a differença de que o meu juiz não lavou as mãos como Pilatos, e antes, descendo da posição elevada em que o acaso ou a immoralidade da época o collocou, se foi metter no meio das turbas dos farizeus para excita-los a atrocidarem-me.

Esta cadeia não he bem arejada, e nem o póde ser na posição, em que se acha.

E porque, Illm. Sr., se não tem pensado, té hoje, em melhorar a sorte dos presos? Nesta cadeia, assim como he, além disto muito pequena e acanhada, existem as vezes 300 e mais presos, de modo que nem espaço lhes deixa para descansarem o corpo. Hoje tem ella 177, entrando os 80 que fôram remettidos para as fortalezas, e estes homens todos nada valem, nada merecem, são presos, são réos de policia, são facinorosos, e perderam o ser de homem, e os outros nada mais lhes devem; os outros, seus iguaes, seus cumplices.

Mas os presos não soffrem sómente em consequencia do mão estado da casa em que estão reclusos, soffrem mão tratamento.

He aos carcereiros a quem se incumbe o supprimento dos presos pobres. Teem elles interesse de augmentarem o numero dos racionados, porque maior he a ganancia que fazem, e por isto quasi sempre todos os presos são racionados, mesmo aquelles que muito trabalham por seus officios, e que muito ganham para mais do que para manter-se, té para manterem fóra suas familias, ou pessoas de suas relações.

A ração para cada preso he 80 rs. diarios: he nada, e V. S. bem vê que esta quota apenas he para se não morrer de fome: mas nem esta a recebe o preso. Os carcereiros dão de 4 em 4 dias uma escassa libra de carne secca do Rio-Grande, vulgo Ceará, sempre da peior que ha no mercado, e tres decimos de farinha; da-se agoa e mais nada; e os pobres presos devem comer essa carne crua, com a farinha molhada n'agoa. E já he isto um grande favor! podiam deixa-los morrer á mingoa! Não digo bem, á mingoa morrem elles! podiam deixa-los morrer de fome! São presos, gritam os carcereiros, que os leve o diabo, nenhum merece consideração! E tal já houve, que avançou que muitos livres eram inferiores aos escravos!!! ...

Veja V. S. o quadro das despezas, como actualmente se fazem, e conhecerá o roubo que vai no supprimento, assim mesmo escasso como he.

RAÇÃO PARA 4 DIAS.

Cada preso tem		320
Recebe :		
Uma libra de carne secca	100	
9/10 de farinha	60	160

Roubo feito a cada um preso em cada uma ração		160

E note V. S.: tanta consciencia teem os carcereiros deste roubo, que, quando ha presos nas fortalezas, dão a esses 4/10 de farinha.

E note V. S.: as vezes se compra a carne-secca té a 7 patacas, e a farinha a menos de 5,000 rs. a carga, sob cuja base calculamos.

O supprimento de agoa he á parte, e não entra na quota da ração; e assim o azeite, que he dado pela camara municipal.

Como quér que fôr, quando mesmo se não rouhe, a quota de 80 rs. para cada preso em um dia he insignificante, e deve ser elevada ao menos a 100 rs., dando-se a quem effectivamente a careça, e não a todos para conveniencia dos carcereiros.

Não menos infame he o tratamento dos presos doentes, quando vão para a enfermaria: a despeza he extraordinaria, emquanto que morrem ahi de fome. O cirurgião não vem todos os dias a enfermaria, passa as vezes dias, e entregue ella a um immundo enfermeiro, este não trata, não alimenta aos presos doentes, que muitas vezes recorrem a suas relações de fóra, e essas lhes trazem comidas, sempre contrarias á dieta, cuja se deve guardar.

Desta má administração vem a intriga dos presos com os carcereiros, que, logo que se impossibilitam de reger as prisões, entram a intriga-los com a autoridade, para atrocida-los a seu contento.

Eis a necessidade dos contos e enredos a V. S.; a necessidade de baixezas e adulações, para permanecerem no lugar; a necessidade de mudanças de presos para as fortalezas, quando a baldeação delles de umas para outras prisões fôra sufficiente.

A actual sociedade, Sr. chefe de policia, não tem direito para tratar, como trata, aos seus membros que são refractarios. Não se tem educado o povo, não se tem comprehendido os direitos sociaes, o podèr anda sempre desregrado, e para isso não tem rasão para maltratar aquelles que falsificam, como elle, as instituições.

Sabe V. S. a desgraçada situação dos presos botados nas fortalezas, e ultimamente na das Cinco-Pontas? No Brum são elles levados á chibata, quando praz ao commandante, e todavia os presos civis sómente estão subjeitos, por suas irregularidades, á correcção de V. S. Os que fôram atirados ás Cinco-Pontas, se acham mettidos nos subterraneos da entrada que ficam fronteiros ao poente: são o verdadeiro inferno de Dante, com todos os seus fogões, onde os presos só podem estar nús: e em cima disto fôram ahi atirados como lixo de monturo, nesses subterraneos cheios de immundice, sem ao menos serem varridos, sem se lhes deitarem cubos, nem vazilhas para agoa. E neste tempo, em que ahi as febres estão a tudo assolar.

Não he sómente nisto que soffrem os presos; soffrem muitissimo a falta de regulamento especial, pelo que estão elles ao arbitrio do carcereiro, que brinca com elles como as crianças brincam com castanhas.

Disse a principio, que o governo da policia fazia esquecer os deveres naturaes, mesmo aos melhores homens, e aos mais honestos, como V. S. he, e dahi vem o não ter V. S. podido cumprir o artigo 146 do regulamento de 31 de janeiro de 1842, bem bom regulamento, senhor, muito superior a lei de 3 de dezembro de 1841, a que elle serve, e muito mais livre; excellente regulamento, se as autoridades do governo policial o cumprissem. E note V. S.: he obra de um estadista da facção cahida, a quem se culpa de absolutista, de tyranno e cousas peiores.

Como devam ser esses regulamentos especiaes, dizem-nos os artigos 147, 148 e 149 do sobredito regulamento, obra do Sr. Paulino José Soares de Souza. Veja V. S. o que acontece.

He a cadeia uma casa de negocio: os carcereiros são livres de pórem um preso no lugar que bem lhes praz; e pois, apenas entra elle na prisão, vai logo um agente procurar saber do entrado, se quer ficar na sala, ou ir para baixo: o minimo da tabela he 12,800 rs., dahi para cima tudo quanto se póde tirar. Se, porém, o entrado não tem dinheiro, ou não quer dar, vai logo para o seguro.

Seguro he uma prisão que está no primeiro andar, he a prisão geral, na qual o carcereiro tudo empenha por ter um juiz do seu seio, o qual já sabe o seu dever.

Apenas cahe dentro o miseravel preso he conversado para dar dinheiro: se não da, soffre todas as

FOLHETIM.

O DUQUE DE GUISE. (*)

POR Frederico Soulié.

PRIMEIRA PARTE.

XXII.

A carta que o duque de Guise apresentára a Gennaro era uma mensagem do marquez de Fontenay, embaixador de França em Roma. O duque ia lê-la, quando se ouvio um grande estrondo na porta exterior. Batiam apressados a essa porta, disputavam e ululavam. Annese poz-se a tremer; e por um movimento semelhante ao do menino, que assim que se assusta vai logo amparar-se ao pé de sua mãi, partio logo para trás do duque, que caminhava para a porta afim de saber donde provinha toda essa algazarra. Mas parece que Annese reconheceu a voz que levantava os gritos furiosos que lhe haviam interrompido a conversa; porque correu immediatamente para a porta antes que o duque lá chegasse, e abrio-a rapido. No mesmo instante um homem com o mais extravagante vestido, e a cabeça coberta de compridissimas guedelhas, semelhantes a juba de um leão, se precipita no meio da sala, corre ao duque, cahe-lhe aos pés, beija-lhe as botas, e exclama cheio de exaltação.

— Astro de victoria e de liberdade, sol de gloria e de nobreza, eu te saúdo! A tua presença nesta plaga enche de gaudio os corações, levanta os animos abatidos, firma as resoluções vacillantes, afia as espadas, accende o trovão dos mosquetes.....Eu te saúdo e me inclino ante ti, ó astro, ó sol, ó nobre Henrique de Lorena!

O duque de Guise recuou diante dessa especie de mascara grotesca; e, mostrando-o com o dedo a Gennaro, foi-lhe dizendo, emquanto o orador beijava fervoroso o chão em que haviam pisado os pés do duque:

— Que diabo he isto?!

— He, replicou Gennaro com um sorriso sardonico, he o excellentissimo embaixador da côrte de França junto á republica de Napoles.

— Isto?! disse o duque com uma nausea que mal póde dissimular.

O miseravel levantou-se; e, cobrindo-se com um chapéo de plumas, não menos ridiculo que a juba que lhe pendia pelos hombros, exclamou:

— Eu sou il signor Adrianno Luigi del Ferro, embaixador de Sua Magestade Christianissima.....

O duque voltou-lhe as costas, passou a mão pela fronte e arrancou um profundo suspiro.

— Em que odiosa pasquinada me vim eu lançar! queriam dizer esse gesto e esse suspiro.

Comtudo, Henrique compoz o rosto quasi immediatamente; e, voltando-se para Luigi del Ferro, cumprimentou-o com ar grave, e entregou-lhe uma carta que sacou do gibão.

— Que he isso?..... perguntou Gennaro com inquietação.

— He uma carta do senhor marquez de Fontenay, embaixador d'el-rei Luiz XIV em Roma, dirigida por elle ao senhor Luigi del Ferro, nosso embaixador junto á côrte de Napoles.

Guise, fallando com tal gravidade e attenção a semelhante saltimbanco revestido de tão elevado caracter, procurava, pela consideração que queria dar-lhe, faze-lo entrar no verdadeiro lugar e maneiras que convinham; mas não póde consegui-lo, porque Gennaro, arrancando vivamente a carta das mãos de Luigi, exclamou:

— Que diz esta carta?

— Essa carta he para o senhor embaixador, disse Guise severamente.

Gennaro abaixou a cabeça e restituio a carta a Luigi, o qual, em vez de parecer offendido pelo insulto que acabava de receber, respondeu sorrindo:

— Não se assuste, senhor duque; o illustrissimo general póde apoderar-se de todos os despachos do mundo; que elles não lhe poderão servir senão para fazer buchas ao bacamarte se elle tivera animo para atirar, ou para fazer fogo na cosinha, porque não sabe lêr.

— Lê então tu em voz alta, miseravel cão! bradou Gennaro colérico.

Entretanto, a porta tinha ficado soaberta, e os guardas que haviam ficado na primeira sala, assim como uma multidão de curiosos que tinham conseguido chegar até ahi, fôram testemunhas desta scena.

Luigi tomou a carta, abrio-a, e percorreu-a rapido com os olhos.

— Então não lês? exclamou Gennaro, que o observava ancioso.

— Silencio! respondeu Luigi erguendo a voz bem alto; e vós todos ouvi, e repeti ao povo as noticias importantes que recebo.....

— Escutemos, escutemos, repetiram os curiosos e os guardas.

— O senhor marquez de Fontenay me annuncia a chegada de S. Alteza o senhor duque de Guise, como representante da França, e fiador do interesse que S. Magestade Luiz XIV toma pelos bravos Napolitanos.

— Viva o duque de Guise! exclamou a multidão que se achava na sala, emquanto Angelo, correndo rapido ao cimo do terraço, repetia esta phrase ao povo, reunido no baixo da escada.

Os brados de Viva Guise! retumbaram da parte de fóra, como echoavam dentro da sala.

— Elle me annuncia tambem, continuou Luigi, que S. Magestade Christianissima mandará dentro em pouco, em socorro dos Napolitanos, uma frota de vinte galeras.....

— Que diz elle? perguntou Angelo do alto do terraço.

— Que S. Magestade Christianissima, respondeu Carniole que havia ficado na sala situada entre a em que estava Guise e o terraço em que estava Angelo, que S. Magestade Christianissima mandará, dentro em pouco, aos Napolitanos o soccorro de uma frota de quarenta galeras

E immediatamente Angelo gritou ao povo que S. Magestade Christianissima promettia aos bravos Napolitanos o soccorro de uma frota de oitenta galeras.

Os gritos de Viva Guise! multiplicaram-se.

— Esta esquadra, continuou Luigi, trará um exercito de cinco mil homens.

— El-rei de França, bradou Carniole a Angelo, nos envia um exercito de dez mil homens.

(*) Vide *Diario* n.° 4.

MUTILADO

torturas, que lembra ao dito juiz, que sempre he o mais immoral e o mais ladrão que se acha na prisão. Apanha, he conduzido á cloaca, ahi se o põe nú, he espetado á faca; e, se tudo não basta, he immediatamente remettido para a enxovia, onde soffre maiores atrocidades, té que se desenganem que o desgraçado nem tem dinheiro, nem quem lh'o dê. He isto para lastimar!

E tão extraordinaria he a fome de dinheiro, que té os captivos pagam sala, e andam a par dos livres, e desrespeitosamente, habilitando-se assim, aqui na cadeia, a não respeitarem a seus senhores, porque os carcereiros dizem: -- aqui dentro todos são iguaes, todos facinorosos.--

E porque se não queixam? dir-se-ha. He porque suas queixas não são ouvidas; he porque seus requerimentos volvem aos carcereiros para informarem, e ahi ficam, e em deferimento teem os ousados um par de machos aos pés, (brincos, como mui graciosamente lhes chamam os carcereiros) que lhes mandam os carcereiros pôr, de autoridade propria, contra o preceito da lei; he porque a cadeia não tem regulamento especial, e está a discrição dos carcereiros que se crêem barões acastellados em seus feudos, e donde não podem ser arrancados, embora a revolução franceza tenha acabado com esses suzeranos da idade média; he porque.......

E, quanto ao receber presos, os carcereiros nada entendem do codigo, nem de suas obrigações, e nem querem entender; elles estão promptos a receberem quanto preso lhe traz á porta, seja quem fôr, em nome de uma autoridade qualquer, e sem ordem por escripto, de modo que muitas vezes os ordenanças dos Srs. da governação policial trazem, em nome daquelles a quem servem, presos, e depois os veem buscar, e por lá ficam! Tudo porque os carcereiros utilisam em não conhecerem suas obrigações e o codigo criminal que lhes estorva e do que não fazem elles caso; porque sabem o que he, por entre nós, a responsabilidade.

Nesta deploravel situação, V. S. me permittirá offerecer um regimento especial para esta cadeia, afim que diminuam tantas vexações com que se nos opprime, a nós os presos, já bastante infelizes pela situação em que estamos.

Illm. Sr., os presos bem desgraçados já são em o serem e atrozes, e selvagens são todas as vexações que se lhes fazem nas prisões, vexações que desapparecerão quando V. S. se dignar pensar nelles ao menos um só momento. Elles esperam na bondade de V. S., que lhes seja seu protector, certo que tudo quanto vai dito he a verdade, e que são elles membros da communhão brasileira, que deve cuidar da conservação physica e moral dos homens.

Ao vêr do que assigna esta representação, muito facil fôra ter uma melhor prisão que esta, nas actuaes circumstancias, A fortaleza das Cinco-Pontas não presta mais para o seu mister; e portanto, com qualquer reparo, daria uma prisão civil, segura, limpa e bem arejada, e para esse reparo daria com sobra o valor desta cadeia em que estamos: alli facilmente se faria a classificação dos presos, alli tem uma capella para os exercicios religiosos, tem alli finalmente boa casa para os carcereiros e guardas, tendo a vantagem de com pouca tropa fazer-se o serviço da segurança do posto, uma vez que todo o despejo por vatados se póde alli fazer, sem ser mister abrir as prisões; pódem-se mesmo estabelecer algumas officinas mais lijeiras, como de sapateiro, alfaiate, &c.

Em conclusão, Sr. chefe de policia, os presos são tão mal considerados, tão como reprobos tratados, tanto se esquece de que elles são christãos, que, morrendo, não se lhes dá sepultura onde aos mais christãos commummente se dá, e são mandados para a Cruz-do-Patrão, como se fôram negros novos, para pasto dos cães. Tanta desconsideração, tanto desprezo pela humanidade afflicta, e soffredôra pela humanidade desvalida, não se acha hoje nem mesmo entre os selvagens, nem mesmo mais por entre os utentotes; mas se acha neste Pernambuco, nesta sociedade brasileira, nesta monarchia constitucional, neste regimen especial, e finalmente neste novo governo policial.

Se esta representação póde ser fatal aos presos, meus companheiros, todo o mal que se lhes premedite venha sobre mim, porque fui eu quem commetti esta falta, quem praticou esta imprudencia, que foi causar a alguem desgostos: — *Me, me, adsum, qui feci.*

Esperam os presos que V. S., considerando o exposto, lhes faça justiça.

Cadeia publica na cidade do Recife, 3 de janeiro de 1848.

Antonio Borges da Fonseca.

REGULAMENTO ESPECIAL PARA A CADEIA PUBLICA DA CIDADE DO RECIFE.

DOS EMPREGADOS.

Art. 1.° Haverá para o serviço da cadeia, além do carcereiro, um ajudante e um escrevente.

DO CARCEREIRO.

Art. 2.° O carcereiro he responsavel pela administração da cadeia, e lhe cumpre:

1.° Mandar fazer pelo escrevente o assentamento dos presos que entrarem no dia, assignando dito assentamento.

2.° Remetter á secretaria da policia um mappa das novidades do dia antecedente.

3.° Participar á secretaria da policia a passagem dos presos para a enfermaria, no mesmo dia em que isto acontecer.

4.° Participar, logo que tenha alta e no mesmo dia, o regresso do preso da enfermaria para a sua prisão competente.

5.° Logo que morra algum preso, participar immediatamente ao delegado e ao cirurgião, para fazerem os exames e auto de obito, e não enterra-lo sem este exame; e, quando não compareçam os convidados, participará immediatamente ao chefe de policia para providenciar.

6.° Remetter, no 1.° de cada mez, á secretaria da policia um mappa dos presos que existem do mez findo, com declaração dos que fôrem racionados, dos que estiverem na enfermaria, e de quando, dos crimes por que estão presos, justiças donde vieram, com nota sobre o processo de cada um.

7.° Darem mappa, no 1.° de cada mez, de todos os presos que houverem sido soltos no mez findo, com declaração da data da ordem que os mandára soltar, e nome da autoridade que a soltura ordenára.

8.° Não recolherá á cadeia preso algum sem ordem por escripto do chefe de policia, juiz municipal, delegado e subdelegados.

9.° A's 6 horas da tarde estará na cadeia, como ordena o regulamento de 31 de janeiro, para tomar conta das chaves das prisões.

10. Dará parte immediatamente de qualquer acontecimento que houver na cadeia, bem como de qualquer irregularidade que praticarem os presos, para que o chefe de policia ordene a correcção que merecerem.

DO AJUDANTE.

Art. 3.° Ao ajudante compete:

1.° Fazer as vezes do carcereiro em suas faltas.

2.° Tomar conta das chaves ás 7 horas da manhãa, e entrega-las ao carcereiro ás 6 da tarde.

DO ESCREVENTE.

Art. 4.° Compete ao escrevente fazer toda a escripturação necessaria ao expediente do serviço da cadeia, e por isso deve estar nella ás 7 horas da manhãa, e sahir ás 6 da tarde.

DIVISAÕ DAS PRISÕES.

Art. 5.° A cadeia será dividida em 7 prisões, do modo seguinte:

1.° Duas a rez do chão, denominando-se a da parte do sul -- crime --: a da parte do norte -- enxovia --

2.° Tres no primeiro andar, sendo da parte do sul duas: uma -- o oratorio -- no mesmo lugar em que se acha; outra -- a enfermaria --, no lugar em que he hoje a prisão das mulheres: da parte do norte uma --- o seguro ---

3.° Duas no 2.° andar, denominando-se uma -- a sala livre --, no lugar conhecido como tal, e outra -- prisão das mulheres -- no lugar em que está a enfermaria.

CLASSIFICAÇAÕ DOS PRESOS.

Art. 6. No crime, sómente estarão os captivos, ou sejam presos policialmente, ou a requerimento de seus senhores.

Art. 7. Na enxovia estarão todos os presos condemnados a galés, ou prisão com trabalho, ou simples de 20 annos para cima.

Art. 8. O oratorio servirá sómente para se ter o padecente, na fórma do antigo costume.

Art. 9. Na enfermaria, sómente estarão os presos doentes.

Art. 10. No seguro, estarão todos os presos condemnados a galés, ou prisão com trabalho, ou simples, por menos de 20 annos, e todos os pronunciados.

Art. 11. Na prisão das mulheres, sómente estas estarão.

Art. 12. Na sala livre, estarão todos os presos em custodia, para averiguação, os que se estiverem processando, mas não pronunciados, e os pronunciados ou condemnados por crimes publicos, menos os mencionados na parte segunda do cod. crim. tit. 3., tit. 4. caps 4. e 6., tit. 5. cap. 1. sess. primeira, segunda e quarta, caps. 2. e 3, tit. 6. caps. 1. 2 e 3.

Art. 13. Do mesmo modo não estarão na sala livre os que commetterem os crimes particulares, mencionados na terceira parte do cod. crim., tit. 1., tit. 2. cap. 1. sess. primeira, segunda e terceira, cap. 2. sess. primeira, art. 222, sess. segunda, art. 226, cap. 3. sess. segunda e terceira, tit. 3. cap 1. e 2., e tit. 4.

Art. 14. Estarão na sala livre os maiores de 50 annos, segundo fôr sua educação, estado e representação na sociedade, os officiaes da guarda nacional, os condemnados á pena de prisão de um anno para baixo, e todos os accusados e condemnados por crimes policiaes, menos os vadios e mendigos.

DO REGIMEN DAS PRISÕES.

Art. 15. Em cada uma das prisões, menos a sala livre, por esta estar sób a immediata inspecção do carcereiro e ajudante, haverá um capataz de nomeação do carcereiro.

Art. 16. Ao capataz incumbe fazer guardar a ordem na respectiva prisão e dar parte ao carcereiro, todos os dias pela manhãa, das occurrencias do dia antecedente.

Art. 17. Os presos que fizerem desordens nas prisões, que se embriegarem, ou que não respeitarem os empregados na cadeia, os que disserem palavras deshonestas para a rua e insultarem os que passam, ou os vizinhos, serão postos a ferro, por ordem do chefe de policia, pelo tempo que a este parecer.

Art. 18. Os presos que tiverem officios se occuparão nelles, para o que terão a precisa ferramenta, que entregarão ao capataz nas horas do silencio.

Art. 19. As 9 horas estará tudo em silencio, em cada uma das prisões, e ás 10 se acharão os presos no seu aposento.

Art. 20. O carcereiro escolherá, em cada prisão, um dos presos para ensinar a ler e escrever aos que o não souberem, assim como aos officios que se trabalharem nas mesmas prisões, segundo a escolha dos aprendizes, de modo que estejam sempre todos os presos occupados.

Art. 21. Dadas as 9 horas, em cada prisão se rezará em voz baixa o terço, a que todos os presos assistirão com a maior reverencia.

Art. 22. O preso que praticar actos de immoralidade, que fôr onanista ou praticar sodomia, será posto á ferros por um mez, e nas reincidencias, além dos ferros do costume, será algemado.

Art. 23. Os capatazes que fôrem relaxados e não cumprirem suas obrigações, serão destituidos e punidos, como o merecerem.

Art. 24. Para esses lugares serão nomeados, de entre os presos que souberem ler, aquelles cuja pena for menor; e, em igualdade de pena, o mais antigo na prisão, tendo a precisa moralidade. Nunca será, porém, capataz o ladrão, o roubador e o perjuro.

Art. 25. Este titulo será lido todos os sabbados em cada uma das prisões pelo carcereiro, ou quem suas vezes fizer.

DO SUSTENTO DOS PRESOS.

Art. 26. Os presos pobres serão soccorridos com a diaria de 100 rs. para cada um, com qual se lhes dará, de 4 em 4 dias, uma ração, sendo — 5 quartas de carne secca da melhor que houver no mercado, e de um quarteirão, ou um 32 avos do alqueire de farinha, medida velha.

Art. 27. Pela festa do Natal, Pascoa e Espirito-Santo, a ração será de carne fresca, dada na vespera, regulando 2 libras e meia para 4 dias, e meia quarta de toucinho, e a mesma farinha.

Art. 28 Pela Quaresma terão ração de bacalhão ás sextas e sabbados, sendo para cada um, nos 2 dias, libra e meia e uma chicara de feijão.

DISPOSIÇÕES GERAES.

Art. 29 Ao ajudante e escrevente incumbe o tratamento dos presos que fôrem captivos, e dos presos que fôrem estrangeiros.

Art. 30. Pertence-lhes igualmente o producto das certidões que se tirarem.

Art. 31. O carcereiro, por escala, tirará cada semana dous pretos captivos para fazerem a limpeza e serviço da sala livre, e 3 para o serviço da fachina.

Art. 32. Fica prohibido surrar-se na cadeia aos escravos, salvo sendo em virtude de sentença, dada em juizo competente e passada em julgado.

Art. 33. Fica prohibida a assistencia de mulheres e pretas de vendagem na sala da entrada do seguro, as quaes não se poderão demorar mais ahi que o tempo preciso para fallarem ao preso, com quem tiverem negocio; assim os homens.

DOS PRESOS INCOMMUNICAVEIS.

Art. 34, Na sala livre haverão dous cubiculos para os presos que forem mandados pôr incommunicaveis.

OBSERVAÇÕES.

A sala livre está dividida em dous salões. O salão do norte póde ser dividido em 10 cubiculos, 8 para os presos que o merecerem por suas circumstancias, e 2 para os incommunicaveis. O salão da entrada servirá para a massa, e o cubiculo que tem no salão da entrada inda serve para outro preso.

Pequeno he o concerto para a mudança da enfermaria e prisão das mulheres. Esta mudança he indispensavel: — 1.°, porque a actual enfermaria não tem a precisa segurança para os presos que alli vão curar-se, como tem provado o facto: — 2.°, porque a prisão das mulheres em cima tira aos carcereiros a occasião de peccarem. Sempre que se prende alguma mulher á noite, fica na sala do carcereiro até pela manhãa; porque elle teme-se, e com rasão, de abrir a porta onde actualmente he a prisão das mulheres, pois que póde ser sorprendido pelos presos das outras prisões.

A entrada da prisão do seguro deve ser limpa das grades que tem, ficando sómente as que fórmam o oratorio.

Na nova prisão das mulheres deve-se correr uma parede parallela ao fundo para fazer um dormitorio, e nelle uma tarimba, e assim do lado da parede do norte, um fogão com bueiro para cima: ficando o mais espaço para estarem de dia, e para dormirem as presas que forem captivas.

No seguro se deve fazer, ao correr da parede do norte, um fogão com o bueiro cahido por sobre a cloaca a sahir do lado do nascente.

Uma limpeza geral se deve fazer nas prisões, assim como se deve envidraçar as varandas das frentes por amor do tempo.

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 7 . . . . 8:948,558

Descarregam hoje, 8 de janeiro.

Barca — *Navarre* — farinha e bolachinha.
Brigue — *Sagitario* — mercadorias.
Sumaca — *Santo-Antonio-de-Padua* -- vinhos.
Brigue — *Arago* — mercadorias.
Brigue — *Loper* — idem.
Hiate — *San-Benedicto* — idem.

IMPORTAÇAO'.

Emma, barca Belga, vinda de Hanover, entrada no corrente mez, consignada a Mc. Calmont & C., manifestou o seguinte:

1 caixa alfinetes, 3 fardos fazendas, 8 caixas lazarinas e fuzis, 2 ditas agoa de Colonia. 251 ditas vidros para vidraça; a Schafheitlin & Tobler.

2 fardos mercadorias, 5 caixas fazenda de algodão, 2 ditas chloriato de soda, 4 barris sal, 1 dito creosoto; a Keller & C.

2 fardos fazenda de lãa; a Luttkens.

2 caixas palmatorias de cobre e latão, 1 caixinha botijas de tinta preta, 1 caixa charutos, 2 barris ferragens e cutelaria, 6 caixas fuzis, 33 ditas espingardas, 1 caixa e 1 fardo diversos objectos; á ordem.

8 caixas peças de marmore, 1 dita calçado, 1 dita torneiras e colheres de latão; a N. O. Bieber & C.

2 caixas livros, 80 barris pregos, 24 caixas papel, 34 ditas tesouras e colchetes, 11 barris bacias de latão, 24 caixas fuzis, esporas e tapetes, 1 embrulho anneis para bandoleiras, 1 caixa diversas miudezas, 40 ditas queijos; a Brender a Brandis & C.

4 caixas livros em branco, 4 ditas vidros pintados; a L. Puget & C.

100 caixas vidros de vidraça; a Avrial Frères.

43 barris pregos; a Rothe & Bidoulac.

1 caixa com gravatas de seda, e 2 peças de fazendas de seda; a Kalkmann & Rosenmund.

CONSULADO GERAL.

RENDIMENTO DO DIA 7.

Geral.	2:900,902
Diversas provincias.	43,147
	2:944,049

CONSULADO PROVINCIAL.

RENDIMENTO DO DIA 7 . . . . 1:748,646

EDITAL.

Rodrigo Theodoro de Freitas, official da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da de San.-Bento-d'Avis, condecorado com a medalha da restauração da Bahia, por occasião da independencia, capitão de mar e guerra graduado d'armada nacional e imperial, inspector do arsenal de marinha desta provincia e capitão do porto da mesma, por S. M. o Imperador, que Deos guarde, etc.

Faz constar a todos os proprietarios de embarcações miudas empregadas em serviço particular, que ainda não estão arroladas nesta capitania, que deverão para isso apresenta-las, no prazo de 30 dias, contados da data deste, visto ter o Exm. Sr. ministro da marinha, em aviso de 23 de novembro do anno proximo passado, em solução do officio desta

---

— Sua Magestade Christianissima, disse Angelo ao povo, envia em nosso auxilio um exercito de vinte mil dos seus melhores soldados.

Os gritos de Viva o duque de Guise! tornaram-se furiosos.

— E além disto, proseguio Luigi, esta esquadra trará muitas munições, e cem mil escudos de subsidios.

— E a esquadra, repetio Carniole, trará muitas espingardas, muitas munições e trezentos mil escudos de subsidios.

— A esquadra, gritou outra vez Angelo ao povo, nos trará muitas peças de artilharia, muitas munições e um milhão de escudos de subsidios.

Os gritos de Viva o duque de Guise! tornaram-se freneticos.

Henrique estava immovel e mudo, mordendo os bigodes. Os gritos continuavam fóra.

— Seria bom que V. Alteza apparecesse ao povo, disse Carniole.

— Não quero ser complice desta indigna comedia.

— Senhor duque, continuou Carniole, prometteram a V. Alteza uma cidade abundantemente provida, e a metade do povo morre a fome; annunciaram a V. Alteza um exercito de cem mil homens, e sabe Deos se V. Alteza achará aqui quatro mil com que possa contar em um recontro; disseram a V. Alteza que as pessoas mais consideraveis se lhe viriam unir, e V. Alteza esta vendo com que vil populaça está mettido. Jogue o mesmo jogo que jogaram com V. Alteza; já agora a partida está começada.

— Vmos lá, disse Guise com máo humor; mas eu não posso apparecer ao povo sem lhe mostrar que sou um pouco liberal; e eu deixei em casa do cura de Nossa-Senhora as quatro mil pistolas (dezaseis contos de réis) que trouxe.

— Anda lá, disse Carniole baixinho a Gennaro, empresta ao senhor duque alguns saccos desses escudos e desses sequins que tu ahi amantôas.....

— Ser-lhe-hão restituidos, disse o duque, que lhe pareceu ver o rosto de Gennaro com um palmo de mais, ao ouvir semelhante proposição.

Carniole encolheu os hombros emquanto Gennaro dizia baixinho á mulher:

— Vai buscar uma mão-cheia de moéda miuda, e traze-m'a aqui.

Um lançar d'olhos de Angelo deteve Gennaro na sua recommendação.

— O que minha irmãa fizer..... está bem feito, disse Angelo.

Gennaro quiz recalcitrar, mas ficou mudo, lançando alternativamente os olhos afflictos e furiosos sobre Carniole e Angelo, que se collocaram um de um lado e outro de outro de Gennaro.

Guise se havia retirado durante esta ignobil discussão; havia elle notado que Luigi del Ferro, não obstante a sua loucura apparente, tinha lido com attenção o resto do despacho, sem delle communicar cousa alguma a ninguem. O duque esperou que talvez houvesse algum bom-senso e subtileza nessa apparencia extravagante, porque elle sabia que o resto do despacho continha instrucções que era inutil fazer saber ao povo.

D'ahi a pouco sahio Ronda da cosinha, onde fôra buscar dinheiro com Anita. Uma trazia uma bacia de ouro cheia de sequins, e a outra um mui grande prato de prata coberto de escudos.

A resignação forçada de Gennaro não póde supportar semelhante vista.

— Não; isso não! disse Gennaro arremessando-se para a mulher. Assim eu fico arruinado..... dá cá o meu ouro, desavergonhada!

— Tu insultas minha irmãa! disse Angelo, empurrando-o fortemente com a mão.

— Ao menos contaste-los tu? perguntou Annese em tom lacrymoso.

— E contaste-los tu quando os roubastes? perguntou tambem Carniole.

Gennaro affastou-se, arrancando os cabellos da cabeça.

Durante este tempo, Anita e Ronda se approximaram do duque, e Ronda lhe perguntou encarando-o com ternura:

— Será bastante, senhor duque?

— Se eu tivesse podido metter a mão no thesouro de meu pai, disse Anita toda trémula, estes sequins de prata teriam sido ducados de ouro.

E depois de ter olhado para o duque, abaixou os olhos corando.

O duque as contemplou uma depois da outra.

— Então esta he a tua irmãa, Angelo?..... esta he tua subrinha, Carniole?..... Ellas ambas são duas guapas moças.

Angelo e Scoppa sorriram, cada um pelo que lhe dizia respeito.

— Vamos lá, disse Guise comsigo mesmo, tomando o caminho do terraço, se me faltar o apoio dos homens, terei em meu favor a boa vontade das mulheres; e já isso não he pouco.

Chegou elle ao terraço entre Ronda e Anita, cada uma das quaes levava uma bacia cheia de dinheiro, e foi acolhido por gritos tão estrondosos, que não póde dizer uma palavra. Então, tomando o dinheiro aos punhados, ora de um vaso ora do outro, o foi lançando ao meio da multidão, que se arrojou violenta, dando urros, em cima dessa preza. Semelhante tumulto durou bastante tempo para que Guise podesse ver que todos os que iam apanhando algumas moédas se retiravam immediatamente, e deixavam a praça a correr.

— He este o alvo de tanto enthusiasmo? e a constancia destes populares não dura senão até ao momento em que recebem o seu salario?

— Não os julgue tão mal, disse Carniole; se esses desgraçados fogem depois de ter apanhado um sequim, não he senão porque vão á casa de algum padeiro comprar pão para seus filhos ou para si mesmos..... Os tres quartos delles morrem de fome.

Guise deu um profundo suspiro; mas, como visse que era observado de todos os lados, replicou em tom familiar:

— Tu me fazes lembrar, Carniole, que, ha já mais de um dia, que não comi.

Gennaro que se tinha approximado para ver os seus sequins rolarem pelas escadas da torre abaixo, se adiantou a um signal de Angelo, dizendo no mesmo tom insipido e rabujento:

— Se V. Alteza me quer fazer a honra de aceitar a minha modesta refeição. ...

— Mana, disse vivamente Angelo a Ronda, não te esqueças que tens o direito de servir ao senhor duque de Guise.

— Anita, disse baixinho Carniole, procura servir a S. Alteza.

O duque aceitou o convite de Gennaro com o modo mais gracioso, decidido a vencer a nausea que lhe inspirava esse miseravel e todos quantos o cercavam, até que pôdesse tomar um partido a respeito da conducta que devia seguir.

(Continuar-se-ha.)

capitania do 5 de novembro de 1846, declarado que as embarcações empregadas em tal serviço eram subjeitas ao arrolamento, na conformidade dos artigos 70 e 74 do regulamento das capitanias: sób pena de serem multados, se, findo esse prazo, forem encontradas sem o documento que isso comprove.

Capitania do porto de Pernambuco, 7 de janeiro de 1848.

Rodrigo Theodoro de Freitas,
Capitão do porto.

Movimento do Porto.

Navios sahidos no dia 7.

Trieste; escuna austriaca *Angelinã*, capitão Francisco Cavacovich, carga assucar.
Falmouth; brigue inglez *George-Ann*, capitão David Brown, carga assucar.

Declarações.

PAGADORIA MILITAR.

Em obediencia ás ordens do Exm. Sr. concelheiro presidente da provincia, manda fazer publico o Sr. coronel commissario-pagador, chefe da pagadoria, que, ante a mesma, no dia 10 do corrente mez, se ha de fazer leilão, pela terceira e ultima vez, das peças de fardamentos e faixas dos musicos do extincto batalhão da guarda nacional destacada, que se acham em bom estado ainda, assim como de todas as mais peças que não estão na mesma rasão, mas que se propõem para uma venda englobada.

Outro sim, que se propõe o contrato do fornecimento da agoa para a fortaleza do Brum e forte do Buraco, no presente segundo semestre do corrente exercicio, que findará em junho proximo futuro, ou mesmo por um anno, se assim convier á pessoa que quizer fazer o contrato, o qual se effectuará no supracitado dia 10 deste mez, em presença das propóstas, que serão apresentadas em carta fechada nesta pagadoria ao mesmo Sr. coronel commissario-pagador.

Pagadoria militar de Pernambuco, 3 de janeiro de 1848.

No impedimento do escrivão,
João Arcenio Barboza.

Cadeira vaga.

A de grammatica latina da villa de Nazareth, cujo concurso terá lugar a 20 do corrente janeiro.

Cavallo apprehendido pela policia.

Acha-se em deposito, e será entregue pela subdelegacia do Recife a quem legitimamente pertencer, um cavallo ruço, capado e bastante gordo, que foi encontrado sem dono ás 3 horas da tarde do dia 1.º do corrente.

Escravos apprehendidos pela policia.

Eufrazio, de nação Moçambique, pertencente a João Francisco de Carvalho Paes de Andrade, senhor do engenho Sant'Anna; — Agostinho, Germano e Silveria, pardos, que confessaram ser de D. Gertrudes da Silva, moradôra em Cariris; — Joaquim, preto, que declarou pertencer a Manoel Pereira Guimarães e achar-se furtado desde 1831; Clemencia, crioula, que disse ser escrava de Ignacio do Rego, senhor do engenho Figueira. — Estão na cadeia desta cidade, e devem de ser reclamados na subdelegacia do Recife.

Publicação Litteraria.

O PANORAMA.

Os Srs. assignantes do *Panorama* tenham a bondade de mandar buscar na rua da Praia, n. 24, até o numero 36. Na mesma casa vende-se o primeiro anno da *Illustração*, em 52 numeros, por 4,000 rs.

THEATRO PUBLICO.

GRANDE PRESEPE.

DOMINGO, 9 DE JANEIRO,

se representa o muito applaudido drama — o *Fiat Lux* ou a *Conjuração de Lucifer contra o Eterno — a guerra dos anjos máos contra os bons — a chegada e adoração dos reis magos — o lindo drama das pastoras, danças, cantorias, etc.*

Os Srs. inspectores que são obrigados a comparecer, hajam de trazer as suas insignias patentes a vista, para conhecimento do fiscal da platéa.

Avisos maritimos.

— Para o Porto sahe, com muita brevidade, a barca *Bella-Pernambucana*, por ter a maior parte de seu carga prompta: quem nella quizer carregar, ou ir de passagem, para o que offerece os mais asseiados commodos, dirija-se ao consignatario, Antonio Francisco de Moraes, na rua da Cadeia do Recife, loja n. 51, ou ao capitão na praça do Commercio.

— Para o Maranhão sahe, com a maior brevidade possivel, por ter parte da carga prompta, o bem conhecido brigue-escuna *Laura*: quem no mesmo quizer carregar, ou ir de passagem, para o que tem excellentes commodos, dirija-se ao capitão na praça, ou a Noves & Companhia, na rua do Trapiche, n. 34.

— Vende-se o bergantim *Independente*, de lote de onze mil arrobas de carne, de construcção de carvalho, e pregado de cobre, com 6 pretos marinheiros, ou sem elles, isto em consequencia de haverem contas a liquidar: quem o pretender póde ir vê-lo a bordo.

— Para o Assú segue, em poucos dias, o brigue brasileiro *Sagitario*: para carga ou passageiros trata-se no armazem ao lado da cadeia, n. 23.

— Vende-se o bem construido hiate nacional *San-João*, de lote de 54 toneladas, chegado ultimamente do Assú: quem pretender comprar, dirija-se a loja de cabos de Caetano da Costa Moreira, ou a bordo do mesmo; e tambem se vende sal do Assú.

— Para a Bahia sahe, em poucos dias, o hiate nacional *Tentador*, forrado e pregado de cobre: para o resto da carga e passageiros, trata-se com Silva & Castello, na rua da Moeda, n. 11,

— Para o Rio-Grande-do-Sul pretende sahir, no dia 15 do corrente, o brigue *Deos-te-Guarde*, capitão Manoel José de Azevedo Santos: póde receber alguns escravos á frete, para o que trata-se com o dito capitão, ou com Baltar & Oliveira, na rua da Cadeia-Velha, n. 12.

— Para o Aracaty pretende seguir viagem, até o meiado do corrente mez, o brigue-escuna *Henriqueta*, mestre José Joaquim Alves da Silva: recebe carga para o Assú e Touros: quem nelle quizer carregar, entenda-se com o mesmo mestre, no Trapiche-Novo, ou na rua da Cadeia-Velha, n. 17, segundo andar.

— Para Lisbôa sahe, com a maior brevidade, o brigue portuguez *San-Domingos*, por ter a maior parte do seu carregamento prompta: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, para o que offerece bons commodos, dirija-se aos consignatarios, Mendes & Tarroso, na rua da Cruz n. 54, ou ao capitão, Manoel Gonçalves Vianna, na praça do Commercio.

— Para a Bahia sahe, em poucos dias, por já ter parte de seu carregamento prompta, a sumaca *Santo-Antonio-de-Padua*, forrada e pregada de cobre: para carga e passageiros, trata-se na rua do Vigario, n. 5.

Avisos diversos.

— José Soares de Azevedo, professor de lingoa franceza no lyceu, tem aberto em sua casa, rua do Rangel, n. 59, segundo andar, um curso de rhetorica e outro de geographia e historia. As pessoas que desejarem seguir uma ou outra destas disciplinas, podem dirigir-se á indicada residencia a qualquer hora.

O TRIBUNO N. 65

está a venda na livraria da praça da Independencia, ns. 6 e 8, e muito digno de ser lido por todos, quér amigos, quér inimigos, tão importante e novo está. Se tem elle merecido os foros de jornal popular no anno que acabou, com muito maior rasão deve este anno merecê-los; porquanto vai empenhar todas as suas fôrças em prol do povo, cujos direitos, té hoje, tem usurpado a facção devorista e anti-social. Variados artigos o enchem, vindo na frente um hymno patriotico popular; tão excellentes versos, ha muito tempo, se não vêem. Está excellentemente impresso, e inda pelo mesmo preço de *dous vintens!* He na verdade para admirar cousa tal e tão barata, neste tempo em que tudo está caro. A elle, minha gente. Lembrem-se que o anno he de bissexto, e a pascoa em abril, que a lenda popular mal augura.

Diz-se ahi — *Pascoa em abril, calamidades mil.* Quer dizer, que guardemos lenha para o verão e agoa para o inverno, como he nosso costume, e que nos não deixemos ir pela torrente, ouvindo as cantigas dos ganhadores e impostores que traficam com o nosso repouso e felicidade. Deos se lembrará um dia delles.

— Os abaixo assignados declaram que dissolveram a sociedade que tinham na loja de fazendas, sita na rua da Cadeia do Recife, n. 40, que gyrava debaixo da firma de Pereira & Santos, desde o 1.º de janeiro corrente; ficando o socio Pereira com o dito estabelecimento, e obrigado á liquidação da extincta firma; e o socio Santos sem mais responsalidade alguma, por assim terem concordado com os credores. — *Francisco Gonçalves da Silva Pereira. — Antonio Soares Ferreira dos Santos.*

— Bernardo José Rodrigues Pinheiro embarca para o Rio-de-Janeiro a sua escrava parda, de nome Antonia.

— Dão-se 200,000 rs. a premio sobre penhores de ouro e prata, a prazo rasoavel e premio modico: na rua do Caldeireiro, n. 62.

— Qualquer pessoa que quizer fazer sociedade em uma venda, entrando com algum fundo, dirija-se a Fóra-de-Portas, venda n. 84, ou annuncie.

— O secretario interino da irmandade de N. S. do Livramento, por ordem da mesa, pelo presente convida a todos os irmãos da mesma irmandade para compaaecerem no consistorio da mesma irmandade, no dia 9 do corrente, as 9 horas do dia, para que, reunidos em mesa geral, possam eleger o novo secretario, e mais empregados que deixaram de aceitar os seus lugares, na eleição á que já se procedeu.

— Precisa-se de um caixeiro para tomar conta de uma venda em Fóra-de-Portas n. 56: a tratar na mesma venda.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado n. 26, atrás da matriz da Boa-Vista, com muitos commodos para familia, e que he muito fresco por, ser da parte da sombra; e uma casa na rua da Gloria, n. 43, por 8,000 rs mensaes: a tratar atrás da matriz da Boa-Vista, n. 22,

— O Sr. Manoel Alves Ferreira da Silva queira dirigir-se á rua da Cadeia do Recife, loja de miudezas n. 51, a negocio de seu particular interesse.

— A pessoa que, por engano, desembarcou da barcaça *Novo-Destino* (sahida para Maceió em 23 de dezembro) um bahú de folha de flandres, em lugar de outro que deixou na mesma barcaça, queira dirigir-se a rua da Cadeia do Recife, n. 19, para se destrocar.

— Precisa-se de um caixeiro para tomar conta de uma venda por balanço: nas Cinco-Pontas, n. 21.

— Precisa-se de um rapaz de 12 a 14 annos: no hotel Pistor.

— O padre Manoel Adriano de Abulquerque Mello faz sciente aos pais de seus alumnos e ao publico, que as ferias de sua aula de primeiras lettras, sita na rua do Jardim n. 43, findam-se a 10 do corrente, e principia o exercicio.

Aos pais de familia.

Ensinam-se meninas com toda a perfeição, a saber: primeiras lettras, grammatica portugueza, arithmetica, doutrina christãa, coser, marcar, bordar de diversas qualidades: na rua da Alegria, n. 42. Adverte-se que se ensina com todo o cuidado e zelo.

— O abaixo assignado faz sciente aos pais de seus alumnos e aos que do seu pretimo se quizerem utilisar, que pretende abrir a sua aula de primeiras lettras, latim e francez, no dia 15 do corrente, e que continúa a receber pensionistas e meio-pensionistas: na rua do Queimado n. 37.

Padre João José da Costa Ribeiro.

— Embarca João da Cunha Magalhães para o Rio-Grande-do-Sul, com escala pelos portos intermedios, o seu escravo crioulo, de nome Conrado, de idade de 22 annos.

— Existe, na rua do Cabugá, loja de miudezas n. 4, uma carta, vinda da cidade do Porto, para ser entregue ao Sr. Joaquim Domingos Calhão, ou, em sua ausencia, a Senhora Dona Josepha Calhaná.

— José Nicacio da Silva estabeleceu sua aula particular na rua da Roda, sobrado n. 35, pertencente ao patrimonio dos expostos, onde mora o Sr. professor José Bernardino de Sena, e continúa a ensinar grammatica latina, e tambem se offerece a ensinar primeiras lettras. As pessoas que do seu prestimo se quizerem utilisar, o podem procurar na sobredita casa a qualquer hora.

— O abaixo assignado ensina em sua casa, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 82, geographia e francez, e irá dar lições em casas particulares.

Dr. Joaquim de Oliveira e Souza.

— O abaixo assignado faz publico que, hontem, pelas 4 horas da manhãa, se ausentou de sua casa a sua preta de nome Ignez, de nação, deixando a porta da sala de detrás aberta, e teve o annunciante noticia que dous homens a cavallo, vestidos á sertaneja, a conduziram para as bandas da ponte da Boa-Vista, e o annunciante acredita que esta escrava fosse seduzida por pessoa que já pertenceu a sua casa, pois a possue ha mais de oito annos sem que nunca fugisse: o annunciante desde já protesta contra uma tal seducção, usando dos meios que as leis lhe facultam com toda a efficacia: esta escrava he de estatura regular, terá 40 annos de idade, pouco mais ou menos, já tem cabellos brancos na testa: o abaixo assignado roga a todas as autoridades e a qualquer pessoa do povo que da dita escrava souberem ou tiverem noticia, a façam prender e a levem no pateo do Carmo, n. 9, que gratificará generosamente.

João Gomes Martins.

— Bernardino Luiz Ferreira faz sciente ao respeitavel publico, que de hoje em diante se não responsabilisa por mais fiança alguma, que possa apparecer; por isso faz o presente annuncio, para que ao depois ninguem se chame a ignorancia.

— Madama Porta, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 3, primeiro andar, recebeu, pelo ultimo navio vindo de França, um lindo sortimento de fazendas de modas para senhoras: por isso avisa as pessoas que a honram com a sua confiança, queiram dirigir-se a sua casa para se utilisarem de seu prestimo.

— Aluga-se um sobrado de dous andares na rua Velha, esquina da travessa do Veras, com muito bons commodos: a tratar na rua Velha, n. 54.

Aterro da-Boa-Vista, n. 16.

Pommateau, cutileiro,

tem a honra de participar ao respeitavel publico, que recebeu, pelo ultimo navio francez, um rico sortimento de fazendas de primeira qualidade, bem como: estojos de viagem, apparelhados de prata e de crystal; carteiras de algibeira, de todos os tamanhos; um grande sortimento de brides de aço; chicotes para carro e montaria; esporas de aço e de latão polido; facas e canivetes de todas as qualidades; tesouras de costura, unha e de alfaiate; navalhas de toda primeira sorte, e de que se garante a qualidade; polvarinhos; chumbeiras; espoletas; chaminés e saca-trapos.

— Francisco José de Freitas Guimarães declara que vende a sua venda ao Sr. Joaquim Antonio de Oliveira, por se achar justa e contratada com o mesmo Sr., sita no pateo de San-José, n. 2: se alguma pessoa se achar com direito a ella, haja de declarar nestes 3 dias, ou entender-se na mesma acima.

— O padre Venancio Henriques de Rezende continúa a dar lições de latim, francez e inglez, na sua casa, n. 32, da rua do Rozario da Boa-Vista.

— José Valentim da Silva, bem conhecido hoje em dia por ensinar ha 12 annos, e seus alumnos sahirem sempre approvados plenamente na academia, avisa a quem convier, que abre a sua aula de latim a 7 do corrente mez, na rua d'Alegria, n. 40.

— Candido José Lisbôa participa ao respeitavel publico, e maxime a seus alumnos, que a sua aula de primeiras lettras, grammatica portugueza e musica, na rua d'Apollo, abrir-se-ha a 10 do corrente; e que tambem ensina as mesmas disciplinas por casas particulares.

Aula da rua do Aterro-da-Bôa-Vista, n. 5.

O abaixo assignado se prevalece deste meio para communicar ao respeitavel publico, e especialmente aos pais de seus alumnos, que as ferias da sua aula findam-se no dia 10 do corrente mez, começando nesse dia o seu exercicio. Elle, portanto, continúa a receber alumnos internos e externos, em cujo ensino e tratamento promette empregar todo o zelo e esmero.

José Xavier Faustino Ramos.

AULAS DE PRIMEIRAS LETTRAS.

O abaixo assignado declara ao respeitavel publico, principalmente aos seus amigos e protectores, que, no dia 9 do corrente mez, findam-se as ferias de suas aulas de meninos e meninas, e que, do dia immediato em diante, achar-se-hão abertas (na mesma casa de sua residencia, na travessa do Veras, sobrado n. 13) a receber não só os seus antigos alumnos, como outros novos: estes mediante uma mensalidade mais modica do que até qui tem levado, tento a respeito dos meninos que entrarem externos, como pensionistas e meio-pensionistas.

Polycarpo Nunes Correia.

— L. V. Desenclos mudou o seu escriptorio e armazem de fazendas, da rua da Cruz, n. 13, para a mesma rua, n. 46, primeiro andar.

COLLEGIO S.-ANTONIO.

No dia 7 do corrente, abriram-se todas as aulas deste collegio.

— José Maria de Figueiredo, professor particular de primeiras lettras do bairro do Recife, faz sciente ao respeitavel publico, que hoje, 7 do corrente, abre a sua aula, e continúa a receber alumnos de primeiras lettras, grammatica portugueza e flauta. Quem de seu prestimo se quizer utilisar dirija-se ao becco do José-da-Costa, n. 2, segundo andar.

Aula de navegação.

Agostinho Fernandes Catanho de Vasconcellos abre a sua aula de navegação no dia 7 do corrente, leccionando os diversos problemas que se empregam na pratica da navegação, e theoria em que se baseiam, ficando por este methodo os seus alumnos habilitados para responderem ao necessario exame.

Tambem se encarrega de medição de terrenos e levantamento de plantas fóra desta cidade, para o que offerece aos Srs. negociantes e proprietarios de engenhos os seus conhecimentos de agrimensura. Na rua da Pria, n. 55, primeiro andar.

LOTERIA
DO
Hospital Pedro Segundo.

Continuam se a vender, nos lugares já annunciados, os bilhetes da segunda quinta parte da primeira loteria a beneficio do Hospital Pedro Segundo; e o thesoureiro, pela concurrencia que tem havido, espera brevemente annunciar por uma só vez o dia em que devem correr as rodas.

Compras.

Compram-se e vendem-se escravos, e recebem-se de commissões, offerecendo-se toda e qualquer garantia a respeito dos mesmos: na rua das Larangeiras, n. 14, segundo andar.

— Compra-se uma canoa de um só páo, que tenha 4 palmos de largura, com preferencia de amarello: na rua do Vigario, ns. 5 e 7, ou annuncie.

— Compram-se garrafas e botijas vasias: na fabrica de licores do Aterro da Bôa-Vista, n. 17.

— Compra-se uma crioulinha, ou mulatinha, que não exceda de 8 annos: na rua de S.-Rita, n. 85.

— Compra-se uma saia de lavarinto largo, sendo de esguião, ou bretanha fina: na rua larga do Rozario, n. 40, segundo andar.

— Compra-se, em segunda mão, 1 fole de caixão, 1 laminador, 1 arrieira, 1 taz, 2 caixões de ourives, 1 gamella de areia de moldar e seus pertences: na praça da Independencia, n. 19.

Vendas.

FOLHINHAS PARA O ANNO DE 1848.

Vendem-se folhinhas de algibeira, de porta e de padre, as mais correctas e mais regulares: na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8; na rua da Cruz, loja n. 56; na rua do Crespo, loja n. 11; na loja da esquina do Collegio, e na botica do Sr. Moreira, defronte da matriz da Boa-Vista.

— Na rua do Queimado, n. 31, segundo andar, com frente para o pateo do Collegio, ensina-se negrinhas captivas a cozer, costuras chãas, bordar, fazer lavarinto, e tudo o mais que fôr preciso, por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se 4 escravos, sendo: um molecote de 19 annos, de bonita figura, proprio para o serviço de campo; uma linda parda de 18 annos, que engomma, cose e faz todo o mais serviço de uma casa; 2 pretas de Angola, de 40 annos, que cozinham, lavam de sabão e são optimas quitandeiras: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

— Vende-se uma cabrinha de 13 a 14 annos, que cozinha, ensaboa, tem principios de costura, e he recolhida: defronte do theatro novo, n. 5

— Vende-se a venda da praça da S.-Cruz, n. 4, bem afreguezada para a terra e para o matto, muito propria para um principiante, por ser o seu aluguel barato: vende-se mesmo a prazo com boa firma, e com os fundos a vontade: a tratar na mesma venda.

— Vende-se um terreno, excellente para se fazer um pequeno sitio, ou mesmo para edificar, com 122 palmos de frente e cerca de 500 de fundo; tem boa agoa de beber; na estrada nova, aberto nos terrenos de Herculano Alves da Silva: vende-se mesmo a prazo, agradando as firmas: na rua de S.-Rita, n. 85, ou atrás da matriz da Boa-Vista, n. 2.

— Vendem-se 6 moleques de 12 a 18 annos, sendo um delles boliciro e sapateiro; 2 pretos de bonitas figuras; uma mulatinha de 4 annos; uma parda com habilidades; 2 pretas que cozinham e engommam; um mulatinho de 12 annos: no pateo da Matriz de S.-Antonio, sobrado n. 4.

— Vende-se, no fim da rua da Aurora, n. 4, uma canoa de um só páo, de largura de 4 palmos; uma dita que conduz mil tijolos; uma escrava de nação, optima engommadeira, lavadeira e costureira.

Aos 20:000$ rs.

Loteria do Rio-de-Janeiro.

Meios bilhetes da loteria do Rio-de-Janeiro: na loja do antigo barateiro, da rua do Collegio, n. 9, pelo diminuto preço de 11$000 rs. cada um; e no Recife, na rua da Cruz, botica n. 50.

— Vendem-se, por preço commodo, os seguintes trastes feitos em Hamburgo: um sofá, seis cadeiras almofadadas de crina, uma jardineira, duas banquinhas de jogo, um guarda-louça e uma secretaria; assim como toda a ferramenta precisa para um segeiro: na rua do Rozario da Boa-Vista, n. 35, em frente da rua do Aragão.

— Na rua de Agoas-Verdes, n. 46, vendem-se diversos escravos moços, cujos vicios e bondades se dirão aos compradores, e entre elles 3 molecotes para todo o serviço.

MUTILADO
ILEGÍVEL

— Vende-se uma escrava moça, de nação Moçambique, que engomma, lava de sabão, cozinha o diario de uma casa, não tem vicios nem achaques, e tem uma cria de 4 annos: na rua do Vigario, ns. 5 e 7.

— Vende-se moéda de cobre corrente, com o premio de dous por cento: na casa de cambio, de Gregorio Antunes de Oliveira, na rua da Cadeia do Recife, n. 34.

— Vende-se uma venda com poucos fundos, sita na esquina de igreja de S.-José, muito bom lugar para fazer negocio para a terra: ao comprador se dirá o motivo por que se vende: a tratar na mesma venda.

-- Vende-se uma preta que cozinha soffrivelmente, he bastante moça, sadia e de bonita figura: na rua da Cadeia do Recife, n. 53, terceiro andar.

Na loja nova da rua do Queimado, n. 11 A, de Raymundo Carlos Leite, a 2,400 rs. o covado.

Além de ter um completo sortimento de fazendas finas e grossas, pelos preços mais rasoaveis possiveis, ha casimiras lisas e elasticas da melhor qualidade que tem vindo a este mercado, a 2,400 rs. o covado, bem como de listras, a 4$, 8$ e 10$000 rs. o córte.

-- Vende-se uma ferramenta completa para marceneiro, e dous balcões grandes: na rua do Rozario, defronte da rua do Aragão, n. 56.

Vendem-se, na rua da Cadeia do Recife, n. 37, cera em velas, fabricadas no Rio-de-Janeiro, em uma das melhores fabricas, em caixas pequenas, de uma até dezaseis em libra; e caixotes com ditas, fabricadas em Lisbôa, sortimento ao gosto do comprador: e tambem se vendem brandões, fabricados no Rio-de-Janeiro, e tudo por preço mais commodo do que em outra qualquer parte.

-- Vende-se uma parda de bonita figura, de 20 annos, que corta e da prompto um vestido de senhora, corta e da prompta um camisa de homem, engomma muito bem, nunca fugio, não tem vicios nem achaques, o que se afiança debaixo de palavra, e sobretudo he muito fiel: na rua estreita do Rozario, n. 10, terceiro andar.

Na rua do Crespo, loja n. 12, de José Joaquim da Silva Maya,

vendem-se muito lindos chapéos para meninas, tanto de seda como de palhinha, chegados ultimamente de Paris; chapéos de seda para senhora; córtes de crambraia de seda, de ricos gostos, por preço muito commodo; córtes de vestidos de cambraia e cassa-chitas de differentes qualidades, por preços baratos; ditos com uma pinta de mófo e sem elle, a 2,000 e 2,500 rs. cada córte; mantas de seda e lãa para senhora, das mais modernas que teem vindo a esta praça, a 5,000 rs. cada uma; mantas e chales de seda de varias qualidades e baratos; alpaca preta, a 800 e 1,600 rs. o covado; panno de linho, a 400 rs. a vara; casimiras francezas e elasticas, para calças, a 5,000 rs. o córte; fustões; setins e velludos para collete, por preço muito em conta; bem como um sortimento de outras muitas fazendas, que se vendem pelo barato.

Na rua Direita, n, 53,

vende-se um par de embonos de páo de cedro, para barcaça; 2 traves e um pedaço de páo de condurú; azeite de carrapato, a 1,200 rs. a canada; pomada, a 230 rs a duzia; e todos os mais generos pertencentes a venda, por menos que em outra qualquer parte, e de muito boa qualidade.

Na rua da Cadeia-velha, n, 29, loja de J. O. Elster,

vende-se vinho do Porto, de diversas qualidades; dito da Madeira; dito de Malaga; dito de Sherry; dito de Carcavellos; dito de Tenerife; dito de Lisbôa; dito do Rheino; dito Graves; dito Sauterne; dito de Bordeaux; dito Chateaux-la-rose; dito S.-Julijm; dito S.-George; ago'ardente de França, de varias qualidades; cherry-cordial; marraschino; licores finos; OPTIMA CHAMPANHIA, em garrafas inteiras e meias ditas; velas de composição; chá preto e verde de superior qualidade; presuntos e salames de Hamburgo; sardinhas em latas e vidros; petits-pois, em latas; mostarda ingleza e franceza; vidros com frutas em calda de assucar e espirito; agoa de flor de laranja; CHARUTOS DE HAVANA E DA BAHIA; e outros muitos objectos: tudo recentemente chegado.

--Vendem-se caixas de chá hysson, de 13 libras, em porção, ou a retalho: na rua da Alfandega-Velha, n. 36, em casa de Matheus Austin & C.

A 4$200 Rs.
Na loja de Guimarães Serafim & Companhia, rua do Crespo, n. 5,
vendem-se chapéos de sol de seda para homem, pelo barato preço de 4$200 rs. cada um.

---Vende-se um mulatinho de 15 para 16 annos, proprio para pagem, ou bolieiro: na rua Nova, n. 3.

---Vende-se a bem afreguezada taberna em Fóra-de-Portas, na rua do Pilar, n. 86: ao comprador se dirá o motivo por que se vende: a tratar na mesma venda.

— Vendem-se 5 propriedades de casas, sendo: uma de sobrado, sita em Olinda, na rua do Coxo; uma dita de sobrado e sotão, na rua da Senzalla-Nova, n. 37; uma dita terrea, no becco dos Martyrios, n. 4; uma dita na rua dos Pescadores do bairro de S.-Antonio, n. 7; uma dita dita mei'agoa nos fundos desta a cima, n. 8: a tratar na rua da Cruz, n. 54, com Mendes & Tarrozo, que se acham competentemente autorisados para esta venda, por conta de quem pertencer.

As novas cassas imperiaes.
Na loja de Guimarães Serafim & Companhia, rua do Crespo, n. 5,
vendem-se ricos córtes de cassas imperiaes, fazenda esta dos padrões e gostos mais ricos que teem apparecido nesta cidade, pelo barato preço de 4$500 rs. cada um: dão-se as amostras sobre penhores.

-- Vendem-se duas casas terreas, sendo uma dellas nova, na Boa-Vista; cujo valor se deixará a juros por 6 mezes, com boa firma: no pateo da S.-Cruz, n. 14.

-- Vendem-se, na rua da Cruz, n. 46, condeças com peras; ditas com figos; ditas com pecegos; latas com figos; ditas com hervilhas; ditas com sardinhas; ditas com bolachinha de araruta; massas finas em caixinhas; chocolate de canella, de Lisbôa: tudo novo e chegado ultimamente, por diminuto preço.

-- Vendem-se, na livraria da praça da Independencia, ns. 6 e 8, as seguintes obras de Lobão, com excellente encadernação:

Tratado historico, encycopiedico, critico e pratico sobre todos os direitos relativos a casas;

Tratado pratico das avaliações e damnos;

Tratado pratico compendiario das pensões ecclesiasticas;

Discurso juridico, historico e critico sobre os direitos dominicaes.

--Vende-se um sitio em Macció, provincia das Alagôas, sem casa de vivenda, com 95 braças de frente e 175 de fundo, com 215 pés de coqueiros de fructo: a tratar no Manguinho, n. 27, com D. Thereza de Jesus do Espirito-Santo, ou em Macció, com José da Silva Ramos.

-- Vende-se superior farinha de mandioca, de superior qualidade, em saccas, por preço commodo: no armazem de Fernando José Braguez, ao pé do arco da Conceição.

— Vendem-se charutos ragalia, lançeiros e bons cachoeiranos, os melhores que teem vindo a este mercado, por preço commodo: na rua do Trapiche, n. 34, terceiro andar.

Na loja nova da ruà do Queimado, n. 11 A, de Raymundo Carlos Leite, vende-se a 1,000 e 1,200 rs.

a vara de um excellente panno de linho, que chegou ultimamente de Portugal, cujas peças são de 21 varas: tambem se vende a retalho: assim como chegou novo sortimento do de 800 rs. a vara, e as peças com 18 varas e meia: ainda continúa haver do de 600 rs., e hamburgos finos: estão se acabando os guardanapos de linho, a 800 rs.

---Vende-se um negro perito official de sapateiro, de idade de 20 annos, e uma negra cozinheira, costureira, lavadeira e engommadeira, de idade de 22 annos pouco mais ou menos: na rua estreita do Rozario, n. 43, segundo andar.

Resto das pechinchas da loja do nicho.

Na esquina do Livramento, loja do nicho, ainda existe um resto das boas pechinchas, das quaes se annunciam algumas para se acabarem antes do balanço, a saber: chales grandes de garça e seda, a 2,000 rs.; mantas de cambraia para senhora, a 1,000 e 1,500 rs.; ditas de setim de côres, de bonitos padrões, para gravatas de homem, a 2,000 rs.; lenços chinezes imitando seda, a 320 e 480 rs.; ditos de cassa, de bonitos gostos e tintas fixas, a 240 e 320 rs.; luvas de pellica, a 640 rs.; ditas de seda, a 320 rs.; lenços de cambraia muito fina, abertos, arrendados e com bicos, de muito bonitos gostos, a 640 rs.; e outras muitas pechinchas, que a vista dos freguezes se farão patentes.

— Vende-se uma escrava crioula, de 15 annos: na rua do Crespo, n. 8.

Admiraveis navalhas de aço da China.

Na rua larga do Rozario, n. 35, loja do Lody.

Estas navalhas teem a vantagem de cortar o cabello sem offender a pelle, deixando a cara parecendo estar na sua brilhante mocidade. Este aço he da China, e seu autor he Shan. Por todas as sociedades das sciencias medico-cirurgicas, tanto da Europa como da America, Asia e Africa, he reconhecido o uso destas navalhas maravilhosas, não só para prevenir as molestias cutaneas a que a humánidade está subjeita, mas tambem como um meio de as curar.

Vendem-se as verdadeiras só na loja acima indicada.

Loteria
do Rio-do-Janeiro a beneficio da S. Casa da Misericordia da côrte.

Vendem-se bilhetes e meios ditos desta loteria, na rua da Cadeia-Velha, loja n. 29, de J. O. Elster.

Na nova loja da rua da Cadeia do Recife, n. 52, de Claudino Salvador Pereira Braga,

vendem-se chapéos de seda enfeitados, para senhora e meninas, a 3,000, 4,000 e 5,000 rs.

MOBILIA.

Vende-se uma porção de trastes novos e quasi novos; louças e crystaes; uma mulatinha de 4 annos; um moleque de 7 annos; caixas com vinho de Bordeaux, Colares, Lisbôa, Porto e Madeira: tambem algumas caixas de cera do Rio-de-Janeiro: tudo muito barato, em virtude de retirada: para ver e tratar na rua da Senzalla-Velha, n. 110.

--Vendem-se peças de chitas escuras; ditas côres de rosa, muito encorpadas e fortes: todas de côres fixas, a 5,500 rs., e a meia pataca a retalho; madapolões finos; e cambraia de differentes côres: na rua estreita do Rozario, n. 10, terceiro andar.

Loteria do Rio-de-Janeiro.

Bilhetes e meios ditos da 24.ª loteria a beneficio do theatro de S. Pedro de Alcantara: na rua da Cadeia, loja de cambio n. 38, de Manoel Gomes da Cunha e Silva.

-- Vende-se uma preta de nação, que cozinha o diario de uma casa, lava bem de varrella e vende na rua: vende-se por haver precisão e por isso por preço commodo: na rua da Gloria, n. 85.

Alerta estudantes!
Ôlhem que os livros baratos se estão acabando.

Na livraria da rua do Crespo, n. 11, vendem-se livros muito baratos, bem como: obras de Virgilio, em muito bom uso, por 3,200 rs; dita de Salustio, por 1,000 rs.; dita de Cornelio, por 1,000 rs.; Selecta, por 1,000 rs.; Diccionario de Fonseca, por 3,000 rs.; Arithmetica de Besout, por 1,200 rs.; Historia de Inglaterra, por 3,000 rs.; Primeiros elementos praticos do fòro civil, com o seu appendice, por 3,000 rs.; Telemaco, por 1,280 rs.; Diccionario de Roquete, 2 v., por 12,000 rs.; grammatica franceza, por 1,280 rs.; e outros muitos livros de aulas, para estudantes pobres e ricos: bem como um grande sortimento de folhetos francezes, para os principiantes desta lingoa, e outros muitos folhetos em portuguez: tudo se vende pelo menor preço possivel. Cheguem que se estão acabando. Na mesma loja tambem se vendem conhecimentos, a 10 rs. cada um; e folhinhas de porta e de algibeira, das mais approvadas.

ESQUINA DO LIVRAMENTO LOJA DE 6 PORTAS N.º 52 DE GABRIEL GLZ. LOMBA

Nesta loja das melhores pechinchas, ainda existe um resto das mesmas, que, para se acabar com ellas, antes do balanço, se annunciam algumas pelos preços seguintes: pannos pretos e de côres, a 2,500, 3,000, 3,500 e 4,000 rs., e muito fino, prova de limão, a 5, 6 e 7,000 rs.; córtes de colletes de setim preto, de côres e de velludo, a 2,500 e 3,000 rs.; córtes de cassa de bonitos gostos, com 7 varas, e de côres fixas, a 3,000 e 4,000 rs.; um grande sortimento de chales de lãa e lãa e seda, tarlatana e garça, com barra, franja, bico e renda, a 2,000 e 3,000 rs.; um grande sortimento de chitas e madapolões; e outras muitas fazendas, que por todo o preço se vendem, só afim de acabar antes do balanço.

-- Vendem-se 4 vaccas, sendo duas com crias, e duas proximas a parirem, as quaes são muito mansas e leiteiras; na rua do Hospicio, venda do Lião-de-Ouro, junto ao quartel.

— Vendem-se saccas de milho; ditas de arroz de casca; ditas vasias, de estopa e algodão; uma rica bandeja de casquinha prateada, com 18 casaes de chicaras e pires de porcellana dourada; uma cama de jacarandá, nova e com todos os pertences; uma duzia de cadeiras de amarello; um toucador de jacarandá, do ultimo gosto; um rico piano; uma mesa redonda de meio de sala, de jacarandá: tudo por barato preço: na rua da Cadeia de S.-Antonio, n. 19.

— Vendem-se 7 a 10 arrobas de sebo superior, a 4,160 rs. a arroba: na rua larga do Rozario, n. 6.

Salsa-parrilha,

de boa qualidade, por preço commodo: vende-se no armazem do Braguez, junto ao arco da Conceição, ou a tratar com José Baptista da Fonseca Junior, na rua do Vigario, n. 25.

— Vende-se uma commoda de jacarandá, duas camas de armação, e duas mesas de sala: na rua do Queimado, n 30.

Agoa de tingir cabellos.

Continúa-se a vender agoa de tingir cabellos e suissas: na rua do Queimado, n. 31. O methodo de applicar a dita agoa acompanha os vidros.

— Vende-se o verdadeiro methodo de Rodolpho para piano, com acompanhamentos de solfejos: na praça da Independencia, n. 12.

-- Vendem-se diversos escravos, chegados proximamente do Ceará, moços e de muito boas figuras, sendo negras, mulatas, negros e mulatos, e entre estes um bom official de carpina: na rua Crespo, loja n. 2 A, se dirá quem vende.

—Vendem-se 2 mulatinhos; 2 pretos; uma parda; sola; couros miudos; bezerros; esteiras; caixas para rapé; botins e sapatos: na rua da Cruz, no Recife, n. 26.

--- Vende-se um preto de nação, de meia idade, bastante forte e proprio para todo o serviço, por preço commodo: na rua estreita do Rozario, primeiro andar, defronte da igreja do Rozario, por cima da loja de barbeiro.

-- Vende-se cerveja branca e preta, em garrafas grandes e pequenas, da muito antiga e acreditada marca *diamante X*, a melhor que vem a este mercado, por preço commodo: em casa de Adamson Howie & C., rua do Trapiche, n. 42.

—Vende-se uma rede feita em Maranhão, obra muito boa: na rua do Cabugá, loja de miudezas de Joaquim José da Costa Fajozes.

Escravos Fugidos.

Dão-se 100$ rs. de graticação

a quem levar á casa da rua da Aurora, n. 26, ou ao engenho Queluz, na freguezia de Ipojuca, o pardo Joaquim, escravo de Miguel Augusto de Oliveira, que o comprou a Antonio Joaquim de Almeida, desta praça; fugio do dito engenho no dia 30 de dezembro do anno proximo passado, com os signaes seguintes: de estatura alta, reforçado de corpo, claro, barbado, porém raspado, cabellos corridos e annellados; he carreiro de profissão; levou vestido camisa de algodãozinho, ceroulas de algodão, uma vara de carrear, uma trouxa com uma camisa de baêta encarnada, dous cobertores de algodão, alpagatas nos pés, e um facão novo de carreiro na cintura. Este escravo foi do Sr. Bernardino José da Rocha, da villa do Pombal da provincia da Parahiba.

--Fugio, de bordo do patacho *Livramento*, fundeado na praia do Collegio, na noite de 3 para 4 do corrente, um molecote, de nome Joaquim, de 18 annos pouco mais ou menos; he de nação Congo, bonito, bem preto, falla tão claro que parece crioulo; levou calças de algodão branco, camisa de côr de chita riscada; tem uma pequena cicatriz ainda fresca, perto do olho esquerdo: quem o pegar leve-o a bordo do dito patacho, ou a Manoel Ignacio de Oliveira, na rua da Cadeia, n. 40.

-- Sumio-se uma escrava em outubro de 1844, com os signaes seguintes: côr parda, cabellos esfarinhados e vermelhos, altura regular, bocca pequena, dentes limados, pés pequenos e curtos, de 12 annos pouco mais ou menos, cose e engomma. Esta escrava he de José Cazumba da Costa Agra. Quem a pegar leve-a ao dito Cazumbá, no lugar do Roçadinho, ou nos Afogados, a casa de Manoel Zeferino de Castro Pimentel, no sitio S.-Miguel.

--Fugio, no dia 29 de dezembro proximo passado, a preta Rosa, de nação Calabar; levou vestido de chita usado; tem falta de um dente e outro acangulado, rosto redondo; e tem os calcanhares rachados: quem a pegar leve-a ao pateo do Paraizo, n. 20, que será recompensado.

--Fugiram, do poder do abaixo assignado, em 26 para amanhecer do dia 27 de dezembro do anno proximo passado, os 4 escravos seguintes: Salustiano, pardo, de 18 a 20 annos, pouco mais ou menos, alto, cabellos crespos, pouca barba, pouco secco do corpo. Este escravo veio remettido da Serra-do-Teixeira, provincia da Parahiba-do-Norte, pelo Illm. Sr. major subdelegado Ignacio Dantas Correia de Goes Manoel, pardo, de 30 annos pouco mais ou menos, alto, cheio do corpo, pouca barba, cabellos crespos; remettido pelo Sr. Manoel José Salgado, do Ceará. Julião, pardo, acaboclado, de 30 annos, altura regular, cabellos pretos e corridos; tem bastante barba; remettido pelos Srs. Manoel Caetano Gouveia & C., do Ceará. Benedicto, cabra escuro, de 18 annos pouco mais ou menos, de altura regular, cheio do corpo, cabellos crespos; remettido pelo Sr João Luiz Gonçalves Vianna, da cidade do Icó. O mesmo abaixo assignado roga a toda e qualquer pessoa onde os ditos escravos possam ser encontrados, que os apprehendam e conduzam a esta praça, na rua da Cadeia de S.-Antonio, n. 25. — *Francisco Joaquim Cardozo.*

- Fugio, no dia 2 do corrente, de bordo do patacho *Livramento*, vindo do Rio-Grande-do-Sul, o escravo Antonio, de côr preta, estatura regular; representa ter 30 annos: levou camisa e calças de algodãozinho branco, e um cinturão de couro. Roga-se as autoridades policiaes, ou a qualquer pessoa, que o apprehendam e levem-no a rua da Cadeia, n. 40, a Manoel Ignacio de Oliveira, que serão generosamente recompensados.

—Fugio, no dia 20 de Outubro, um escravo, de nome Joaquim, de 36 annos pouco mais ou menos, de nação Baca, grosso, baixo, com algumas cicatrizes pelas costas; foi escravo do Sr. José Camello, do Monteiro: quem o pegar leve-o a rua do Cabugá, loja n. 1 D, ou na rua da Praia-de-S.-Rita, n. 27, que será generosamente recompensado.

— Fugio, no dia 6 para 7 do corrente, o preto Joaquim, de nação Angola; representa 35 a 40 annos de idade, de corpo e estatura regulares, rosto largo, olhos upados e barbado; tem o dedo grande do pé direito desmentido, e fórma um bolão de carne por baixo da junta do mesmo dedo; ainda não se explica bem no fallar; levou camisa de algodão azul de mangas curtas, e calça do mesmo algodão azul trançado: este preto foi de Manoel Antonio Pereira, morador na Lapa, ao pé de Goianna. Roga-se ás autoridades policiaes, capitães de campo, o apprehendam e levem ao Recife, rua da Alfandega-Velha, n. 36.

-- Fugio, no dia 5 do corrente, um escravo crioulo, de nome Manoel, natural do sertão; he baixo e grosso do corpo; tem os pés apalhetados, e dous ossos na nuca sahidos para fóra; levou calças e camisa branca, chapéo de palha novo. Roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, que o apprehendam e levem-no a Fóra-de-Portas, n. 95, que serão recompensados.

-- Fugio, no dia 6 do corrente, as 5 horas da manhãa, uma preta de nação Angola, de nome Josepha, de 50 annos, com os pés e pernas grossas e feias, por ter tido bobas e os pés rachados; he o maior signal que tem; levou vestido de chita preta, um dito de riscado azul, panno da Costa com franja branca: quem a pegar leve-a ao Aterro-da-Boa-Vista, loja de Joaquim Carneiro Leal, que recompensará.

PERN.: NA TYP. DE M. F. DE FARIA. —1848